

última crônica sobre elefantes

É esta a terceira vez que ameaço escrever sobre elefantes, até pareço o Paulo Mendes Campos escrevendo sobre ácido lisérgico; cada um se distrai como pode, eu me distraio com elefantes.

Esse animal faz mal à saúde quando pousa uma pata sobre a pessoa e com a tromba vai arrancando seus membros e os jogando a vários metros de distância, alegremente. Mas isso ainda não aconteceu comigo, e mesmo aquele elefante com que esbarrei em Uganda e me deu a impressão de que era uma onda-monstro do Arpoador de anos atrás que vinha desabando sobre mim, a verdade, conforme contei, é que não foi preciso subir no elefante nem furar o elefante nem mergulhar no chão diante do elefante: ele parou um pouco, me olhou como quem diz "o que é que o Sr. está fazendo aqui?" e depois mudou de rumo, o que é uma vantagem dos elefantes sobre as vagas de fundo.

Naquele dia vi, entre muitos outros bichos, centenas de elefantes; à noite sonhei com elefantes e como não há jôgo do bicho em Uganda, no dia seguinte não joguei no elefante, mas comprei dois livros sobre elefantes. Há muitos livros escritos sobre essa mimosa criatura, que desde a antiguidade fascina a imaginação humana e muito tem trabalho em guerras, circos e engenharia civil; mas agora ele está dando dinheiro é no ramo do turismo.

O principal defeito do elefante é, como eu ia dizendo, o de certos políticos brasileiros: é um bicho interessante, mas come demais. Gosta de capim novo, de brotos e frutas silvestres mas gosta principalmente de cana-de-açúcar, manga, banana, tudo que é plantação de homem, e devora uma roça inteira em uma noite. Passa 16 horas por dia comendo. Tem um apetite latifundiário, incompatível com qualquer tipo de reforma agrária. Para o Nordeste não serve.

Mas para a Amazônia — me pergun-

tava um amigo português em Quênia — vocês têm lá tanto espaço, por que não importam elefantes? O governo aqui está cobrando 75 libras, mais de 140 contos, pela licença para matar um elefante, se o sujeito quiser matar um segundo, este lhe custará 100 libras. E só se pode matar macho e em certos lugares em que o número deles cresceu demais para incomodar a lavoura; mas a renda maior do turismo está nas divisas trazidas pelas pessoas que vêm visitar os parques nacionais, só para ver e fotografar elefantes e outros bichos em liberdade. Calcula-se que só em Uganda existem hoje uns 11 mil elefantes, no Congo haverá uns 100 mil. Hoje os governos não somente protegem o elefante, como também impedem que ele, sob essa proteção, se propague demasiado, invadindo as terras de lavoura. E veja aí nessas lojas quanta coisa de marfim se faz, que bonitas botinas de pele de orelha de elefante, bolsas de elefante; note que ainda se come muito elefante, carne seca de elefante é muito boa, acho que daria certo em feijoada.

Assim me falou o amigo português, mas confesso que hesito em propor a criação do elefante na Amazônia. Podíamos limitá-la a Marajó, como os búfalos, mas o diabo é que elefante nada melhor do que qualquer outro bicho de terra firme, não é à toa que ele é parente do peixe-boi — e também gosta muito de migrar, às vezes sem motivo aparente, em poucos anos andaria pelo Acre. É verdade que dá leite (elefantinho só desmama depois de dois anos) e até que neste ponto a elefanta é bem mais elegante que a vaca, pois as mamas ficam entre os membros dianteiros, como acontece com as mais distintas damas de nossa sociedade. Por falar nisso... Não, o melhor é não falar nisso; não ficaria bem; esta crônica fica sendo exclusiva sobre elefantes para encerrar o assunto — embora, na verdade, eu ainda tivesse muita coisa a dizer a respeito. Até outro dia.